

TEATRO  
NACIONAL  
S. JOÃO

NÃO ME CALO





## “Mais porquês do que já tínhamos”

CIRILA BOSSUET

O processo de *Não Me Calo* começou literalmente por não nos calarmos. Eu e a minha companheira de trabalho, Isabel Costa, fizemos questão de levantar todas as questões que o percurso de Lewis Carroll nos levantou nestes doze capítulos de *Alice no País das Maravilhas*. Foi impossível, e continua a ser até aos dias de hoje (e acredito que nos próximos também), não juntar a todas estas questões um pensamento crítico sobre o mundo em que vivemos: sobre o poder e o não poder. Fomos *democráticas* uma com a outra, embora também tenhamos questionado tal conceito, tentando entender se funciona ou não. Fomos para a frente, recuámos, voltámos a ler, apagámos coisas que já tínhamos escrito e escrevemos novamente, porque sentimos que existem muitas maneiras de fazer teatro e porque nós próprias estávamos diferentes, a cada dia que passava. Crescemos e o projeto foi crescendo.

Os ensaios no espaço complementaram e, ao mesmo tempo, dificultaram os nossos pensamentos. Percebemos que dois corpos no espaço não dizem o mesmo que dois corpos sentados numa cadeira a dissertar sobre qualquer assunto sem o “espectador” a ver. Passámos por um processo de alinhar o cérebro ao corpo e o corpo ao cérebro. Corpos que habitaram durante meses em espaços fechados, confinados, e que perderam a memória de tocar noutro corpo.

Este foi o nosso primeiro projeto depois do confinamento geral em 2020. A filosofia, uma ferramenta aliada e indispensável neste

processo, veio adicionar-lhe imagens “concretas”, porque permitiu-nos alcançar uma liberdade imensa logo nos primeiros dias da residência artística e ajudou-nos a desconfinar o pensamento. Estar com crianças, trabalhar com elas e fazer teatro para elas foi absolutamente incrível depois do ano que vivemos e mesmo com os cancelamentos de espetáculos a que fomos sujeitas.

As apresentações de *Não Me Calo* surgiram num momento em que precisávamos muito do contacto com o nosso público. Público que sempre nos surpreendeu a cada sessão e que levantou questões que colocaram o nosso trabalho num outro patamar. Senti que poderia ter feito mais, mas senti também que, se o tivesse feito, não teríamos todas aquelas questões a serem levantadas. Num último momento do espetáculo, eu e a Isabel convidávamos o público a participar numa votação em que questionávamos quem estava a favor da Alice e quem estava a favor da Rainha. O resultado foi quase sempre a favor da Alice, mas logo fomos interpeladas por um ser brilhante e atento: “E porque é que não me posso abster? Não existe essa opção?” Pensei muito sobre isto, o modo como julgamos quem se abstém. Mas é uma realidade. Será porque essa realidade existe?

Terminámos as apresentações do nosso *Não Me Calo* com mais porquês do que já tínhamos e ainda bem. Foi e é para isso que fazemos o que fazemos.

# Viver o presente em conjunto

ISABEL COSTA

Em novembro de 2021, retomámos as apresentações de *Não Me Calo*. Desta vez, recebemos público jovem com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos. Esta experiência com grupos de escolas foi muito diferente da que tivemos na Festa de Desaniversário apresentada em junho para famílias. Os jovens eram recebidos em grupo. Vinham com os colegas e professores, e podíamos sentir o entusiasmo por estarem fora da escola, no Centro Cultural de Belém, para ver um espetáculo.

Nestas apresentações, explorámos uma característica que surgiu nas primeiras récitas que fizemos. Em junho, quando apresentámos o espetáculo ao ar livre, não tínhamos um dentro e um fora de cena. Quando o público entrava, eu e a Cirila estávamos em cena, ao centro. De forma espontânea, começámos uma brincadeira em que improvisávamos antes do espetáculo começar. Uma espécie de teatro dentro do teatro, em que duas atrizes conversam sobre como foi o seu dia até ali, que personagens vão fazer, tecendo comentários sobre os seus figurinos e o texto. Fez para nós sentido refazer essa experiência nesta segunda fase de apresentações.

Esta cena inicial sempre improvisada foi, curiosamente, uma das mais comentadas nas conversas pós-espetáculo. Não era a nossa intenção, mas tornou-se a grande surpresa do espetáculo. Duas atrizes que não estavam ainda em personagem, a conversar sem artifício, era uma novidade para os nossos pequenos espectadores. Que narrativa estariam eles a ver?

A verdade é que antes da história, antes de as luzes do espetáculo se acenderem, antes das personagens aparecerem, antes dos conflitos

na narrativa, já existe uma história que está a ser contada, mesmo que não nos apercebamos dela. É a história dos corpos que a contam e daqueles que se sentam para a ver.

Um dos momentos que guardo desta reposição foi uma conversa sobre o teatro pós-dramático, que se proporcionou depois do espetáculo. Falámos sobre a necessidade de assumir o espaço teatral exatamente como ele é. O porquê desta tendência ter surgido com tanta força no início dos anos 90, sobre as teses do fim da história, sobre as narrativas fantásticas não serem suficientes para nos transportar para outra realidade, e ainda sobre a razão de precisarmos de nos agarrar a algo vivo e concreto com o qual nos poderemos identificar.

Esta experiência maravilhosa fez-nos sentir parte de uma mesma comunidade artística, tanto nós artistas, como os nossos pequenos espectadores. Comunidade essa que só se constrói com o mesmo tipo de partilha que experienciámos. Uma profunda partilha e a discussão sobre ferramentas artísticas que não servem só a arte, mas também a vida.

Esta é uma das magias do teatro. Partir de uma tecnologia simples e torná-la útil para compreender o mundo em que vivemos. Mundo esse com enredos cada vez mais complexos, mas também cada vez mais vazios. Nesta época de simulacros constantes, que fixam o nosso presente em farsas, é uma experiência estética marcante viver o presente em conjunto.

Como Alice, questionar, lutar. Lutar sempre. Sair do teatro e lutar. Lutar contra a cultura amnésica e viver o presente. Para que não vivamos distraídos da vida.

## FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA LUÍSA CORTE-REAL (COORDENAÇÃO), TERESA BATISTA, CARLA MEDINA DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO  
FILIPE SILVA DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES LUÍZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, MARCELO  
RIBEIRO, NUNO GONÇALVES MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES,  
PAULO FERREIRA SOM JOEL AZEVEDO (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO BICA, LEANDRO LEITÃO VÍDEO FERNANDO COSTA, HUGO MOUTINHO

## EDIÇÃO

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO  
COORDENAÇÃO FÁTIMA CASTRO SILVA  
FOTOGRAFIA MARISA LOURENÇO  
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO  
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

## APOIOS TNSJ

Castanheira pedras&pêssegos

## APOIOS À DIVULGAÇÃO

COMBOIOS DE PORTUGAL



## AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo.

O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



**TEATRO CARLOS ALBERTO**  
**14 DEZEMBRO 2022**  
**QUA 11:00+15:00**

# NÃO ME CALO

**CONCEÇÃO CIRILA BOSSUET, ISABEL COSTA**

**FIGURINOS  
E CONCEÇÃO PLÁSTICA**  
**ALICE ALBERGARIA BORGES**  
**BEATRIZ BAGULHO**  
**MADALENA CASTRO**

**MÚSICA ORIGINAL**  
**CUCA MONGA**

**ACOMPANHAMENTO  
À CRIAÇÃO**  
**MARIA GIL**

**INTERPRETAÇÃO**  
**CATARINA RABAÇA**  
**CIRILA BOSSUET**

**UMA ENCOMENDA**  
**CCB/FÁBRICA DAS ARTES**  
**NO ÂMBITO DO CICLO FESTA**  
**DE DESANIVERSÁRIO 2021**

**DUR. APROX.**  
**1:30 (ESPETÁCULO + CONVERSA)**  
**M/8 ANOS**

OTNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO